

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões 3

Gabriela Cristina Borborema Bozzo
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2022

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões 3

Gabriela Cristina Borborema Bozzo
(Organizadora)

Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



Linguística, letras e artes: ressonâncias e repercussões 3

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadora: Gabriela Cristina Borborema Bozzo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes: ressonâncias e repercussões 3 / Organizadora Gabriela Cristina Borborema Bozzo. - Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0298-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.985221507>

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Bozzo, Gabriela Cristina Borborema (Organizadora). II. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos - CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa - Paraná - Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

O livro *Linguística, letras e artes: ressonâncias e repercussões 3*, apresenta, em seus treze capítulos, diferentes pesquisas nos campos linguístico, literário e artístico, com trabalhos que cortejam o título do volume. Esse reúne às artes as letras e a linguística, visando alcançar possíveis repercussões e ressonâncias, o que acontece, de fato, nos estudos selecionados para compô-lo.

Assim, há trabalhos que apresentam, como *corpus*, produções artístico-literárias de Yuyi Morales, Glenn Ringtved e Ricardo Azevedo, no capítulo que aborda as narrativas sobre morte para crianças. Temos, ainda, a arte latino-americana como objeto de estudo, além da obra de Cecilia Paredes. Há, também, o cortejo de um curta-metragem de Roberto Ribeiro e Fernando Alves, além de uma investigação sobre o mito originário do *ikwasiat*. Por fim, contempla-se também o filme *A origem dos guardiões* como *corpus* nessa coletânea.

Outrossim, temos trabalhos que têm como *corpus* a gramática da Língua Portuguesa, seja cortejando sua função no ensino de leitura na língua materna, abordando também a investigação da disputa por originalidade das primeiras gramáticas espanholas e portuguesas. Por fim, há os trabalhos que contemplam a semântica, a implementação da BNCC em sala de aula e o funcionamento de discursos políticos.

Portanto, o livro de que falamos colabora para o enriquecimento não só dos campos da literatura, do cinema e das artes, como também da linguística, da gramática e do ensino. Em outras palavras, é uma rica contribuição para as Ciências Humanas e abre caminho para formação de novos conhecimentos para graduandos, graduados, pós-graduandos, pós-graduados, professores e a todos que se interessem pelas diferentes abordagens metodológicas que atravessam o universo das humanidades nesse volume.

Gabriela Cristina Borborema Bozzo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A FINITUDE EM TEXTOS NARRATIVOS PARA CRIANÇAS

Regina Chicowski

Luana Talita Gomes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9852215071>

CAPÍTULO 2..... 17

AS PRIMEIRAS GRAMÁTICAS: DISPUTAS PELA ORIGINALIDADE

Cinthia Aparecida Lemes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9852215072>

CAPÍTULO 3..... 29

A GRAMÁTICA COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE LEITURA: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

Walisson Dodó

Denise Santos Fernandes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9852215073>

CAPÍTULO 4..... 46

MAFALDA: REPRESENTAÇÃO FEMININA E INTERTEXTUALIDADE

Francisco Rangel dos Santos Sá Lima

Vivianne Caldas de Souza Dantas

Daniela Katêrine de Oliveira

Mirna Maria Félix de Lima Lessa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9852215074>

CAPÍTULO 5..... 54

A NOÇÃO DE VAGUEZA E POSSÍVEIS OPERAÇÕES DE LINGUAGEM EM SALA DE AULA

Antônio Carlos Gomes

Bruno Henrique Castro de Sousa

Roberta de Oliveira Tropiano Barros D'ávila

Rudner Merotto Di Rubim

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9852215075>

CAPÍTULO 6..... 77

IMPLEMENTAÇÃO DA BNCC: A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR PARA A CONCRETIZAÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NAS SALAS DE AULA

Márcia Moreno

Paulo Fioravante Giaretta

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9852215076>

CAPÍTULO 7..... 88

MIMETISMOS E ENCOBRIMENTOS COMO MODO DE RESISTÊNCIA CONTRA A

MESMIDADE DO “EU”, NA SÉRIE “PAISAJES”, DE CECILIA PAREDES

Karine Perez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9852215077>

CAPÍTULO 8..... 97

DAS VANGUARDAS À GLOBALIZAÇÃO: A ARTE LATINO-AMERICANA E A BUSCA POR IDENTIDADE

Tatiana Carence Martins

Aurélio Ferreira da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9852215078>

CAPÍTULO 9..... 104

O ABANDONO DE CRIANÇA EM LIXÕES: UMA ANÁLISE SOCIO-SEMIÓTICA DE ASPECTOS SOCIOCULTURAIS NA LINGUAGEM FÍLMICANA AMAZÔNIA

Rosanne de Castelo Branco

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9852215079>

CAPÍTULO 10..... 116

UM FILME EM DOIS TEMPOS: A MEMÓRIA COMO SÍMBOLO CONCEITUAL

Ana Maria Ferraz de Matos Mendes

Felipe Eduardo Ferreira Marta

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98522150710>

CAPÍTULO 11 130

OMITO DE ORIGEM DO *IKWASIAT*: CONSIDERAÇÕES SOBRE ARTE E CONHECIMENTO

Heidi Soraia Berg

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98522150711>

CAPÍTULO 12..... 147

O FUNCIONAMENTO DOS DISCURSOS POLÍTICOS

Rita de Cássia Constantini Teixeira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98522150712>

CAPÍTULO 13..... 158

DESVELANDO E ANALISANDO PROCESSOS DE TRANSCRIÇÃO INTERPRETATIVA DO CANTOR

Lucila Tragtenberg

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98522150713>

SOBRE A ORGANIZADORA..... 169

ÍNDICE REMISSIVO..... 170

UM FILME EM DOIS TEMPOS: A MEMÓRIA COMO SÍMBOLO CONCEITUAL

Data de aceite: 04/07/2022

Ana Maria Ferraz de Matos Mendes

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Felipe Eduardo Ferreira Marta

Prof. Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta do Programa de Pós Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

RESUMO: Ser considerada como um símbolo conceitual é uma das várias faces da memória. Neste trabalho discutiremos esse conceito a partir do filme “A origem dos guardiões” e do seu personagem principal Jack Frost, nos colocando empaticamente entre o tempo da memória e o da não memória. Na introdução está a visão geral sobre a motivação da escolha do tema; em seguida, no item (2) há uma rápida descrição do filme nos pontos chave da discussão; mergulhando no perfil do personagem, no item (3) está uma breve descrição psicológica do não pertencimento pela “perda” da memória; o item (4) traz uma visão orgânica de como se processa a memória; no item (5) discutimos a memória como um símbolo conceitual e no (6) trazemos a relação da memória com a espiritualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Memória - Símbolo - Significado - Tempo - A origem dos guardiões.

ABSTRACT: Being considered a conceptual symbol is one of the many faces of memory. In

this article we will discuss this concept based on the movie “Rise of the guardians” and it’s main character Jack Frost by putting us empathetically between the time of the memory and the non-memory. In the introduction is the general vision about the motivation of the choice of the theme; next, in the second item, there is a quick description of the movie on the key points of the discussion; diving into the character’s profile; in the third item, a brief psychological description of the feeling of not belonging because of the memory “loss”; the fourth item brings an organic vision of how the memory is processed; in the fifth item, the memory as a conceptual symbol is discussed and in the sixth item it’s about the relationship between memory and spirituality.

KEYWORDS: Memory - symbol - meaning - time - The rise of guardians.

1 | INTRODUÇÃO

Memória é um tema multifacetado, de amplo alcance e de conflituosos debates ao longo do tempo e dos diversos autores que a abordam; tema de contradições. Discute-se memória e o conhecimento, memória e história, memória na sociologia, do senso comum, do ser comum. Aqui abordaremos o tema a partir da análise de um filme, uma animação em que a memória, e também o esquecimento, mediam todas as relações descritas no roteiro. A memória será aqui conceituada a partir de sua face sociológica trazida por Norbert Elias (1994) designando-a como um símbolo conceitual.

Para ele, enquanto seres orgânicos, desenvolvemos os símbolos, ou seja, constituímos o significado das coisas para transformar em memória. Temos a condição de criar significados a partir das vivências e interação com o mundo. Sem essa capacidade não há como armazenar conhecimento e, sem isso, não há a memória.

A intenção do trabalho é relacionar e estabelecer uma discussão sobre a memória, a partir de um diálogo com autores diversos, que tiveram esse tema como objeto de estudo, e a história do personagem Jack Frost, no filme “A origem dos guardiões” estabelecendo coalizão entre a história do personagem e o conceito de memória como símbolo conceitual. Trata-se de uma tentativa de colaborar e ampliar o debate sobre o assunto memória nos diversos vieses que ele nos permite abrir. Para tanto, faremos uma revisão bibliográfica com um direcionamento temático não cronológico, utilizando os saberes dos autores em relação ao que for discutido conforme a demanda e o processo de desenvolvimento das ideias propostas na discussão.

“A origem dos guardiões” é uma animação lançada no Brasil em 2012. O filme foi produzido pela *Dreamworks Animation*, baseado em um livro de mesmo título do escritor americano William Joyce. O roteiro aborda vários assuntos de cunho psicológico e valores morais, de forma lúdica, trabalhando esses conceitos para as crianças. Ao mesmo tempo, tem uma condição de trazer ao adulto reflexões de grande importância para sua posição enquanto um ser-no-mundo e das construções emocionais que fazemos ao longo da nossa vida. O ser-no-mundo, segundo Heidegger (2005), constitui um ser que pertence ao mundo a partir de sua significância e é, por essência, inseparável deste mundo.

2 | O FILME E A MEMÓRIA

O filme de animação “A origem dos guardiões” não foge ao clichê dos eternos enfrentamentos de heróis contra vilões e batalhas para salvar o mundo. Então, por que esse filme é tema de uma discussão sobre memória? A resposta é a proposta de uma outra discussão: não está a memória em tudo ao nosso redor e em nós mesmos? A memória, no filme, é relacionada às questões psicológicas, orgânicas, históricas, espirituais e ao esquecimento.

A animação relata a história de Jack Frost, um adolescente e anti-herói, fadado ao esquecimento pela perda da memória após uma situação traumática em que salva sua irmã, mas acaba afogando-se em um lago congelado. Em uma cena transcendente, se vê pairando para fora do lago com a lua brilhando forte sobre ele. Neste momento associa a imagem da lua a sua salvação e passa a contar, intuitivamente, com o “Homem da Lua” como amigo e protetor espiritual. Passam-se trezentos anos e ele, ainda sem memória, tem uma grande angústia ao ser ignorado pelas pessoas no mundo físico na impossibilidade de interagir, ouvir e ser ouvido.

Quando é convocado pelos guardiões (Papai Noel, Fada do Dente, Coelho da

Páscoa e Sandman) para salvar o mundo do Bicho Papão, aqui chamado de Breu. Os próprios guardiões lutam para não serem apagados da memória das crianças do mundo o que comprometeria sua própria existência. Jack Frost mostra-se confuso, com sensação de incompetência e incapacidade. Também é desacreditado e invalidado pelos outros guardiões.

A visão da lua e a possibilidade de conseguir suas memórias de volta com o acesso aos dentes guardados pela Fada do Dente o convence a ser um guardião, enfrentar seu medo e conseguir seu lugar no mundo. No decorrer da história evolui como ser dentro de um ambiente social, passando a colaborar com o outro e obter deste o reconhecimento.

3 | MEMÓRIA E A SENSAÇÃO DO PERTENCIMENTO

O personagem Jack Frost, analisado a partir de Heidegger, é caracterizado por uma angústia promovida pela sensação do não pertencer e de não ser percebido pelo mundo, em uma palavra tem a sensação da “invisibilidade”. Ele se sente na espacialidade, na presença, mas não pertencente. Ele sente o ser *eu* e não *outro*, no distanciamento e direcionamento do ente que é. Existe nesse personagem a indicação da sua substancialidade como ponto de partida para entender esse eu-no-mundo em sua incessante busca de resposta do quem é. Lhe falta a resposta fenomenológica e definidora de si, pois ele sabe quem não é, sem, no entanto, saber quem é. O *não eu* não indica a essência do ente e também não o define, mas indica um modo de ser do *eu* caracterizado pela “perda de si mesmo” (Heidegger, 2005).

Para Guattari e Rolnik (2013), o ser humano tem a necessidade de desenvolver-se culturalmente para se incluir em um território, dessa forma evitando a sensação de estar perdido sem se sentir integrado ao mundo em que vive e representa o ambiente no qual o ser encontra repertório para o seu convívio e construção social, cultural e cognitiva, no entanto, esse território poderá desterritorializar-se pelo abafamento da singularização, que levaria o indivíduo à recusa da manipulação e ao estabelecimento do desejo de viver e conhecer.

A questão do pertencimento do personagem vem do fato da não lembrança do seu passado, da sua história. Por conta disso, tem um grande lapso de memória em que lhe faltam informações vivenciais para estabelecer-se como um ser consciente, desperto. Damásio (2011) diz que ter consciência é tão presente e comum que mal damos conta da excepcional faculdade mental que nos permite protagonizar nossa própria existência e interagir com o mundo exterior estabelecendo ligações simbólicas e reconhecendo nosso self, tornando-nos aptos para agir nesse mundo. Estar desperto não é simplesmente estar acordado, mas dar-se conta de quem somos e de conhecer o que está em nosso em torno (DAMÁSIO, 2011). Encontrar a consciência, a partir da reconstrução de sua memória, é o objeto de busca de Jack Frost.

4 | MEMÓRIA COMO UNIDADE DE PROCESSAMENTO DA INFORMAÇÃO

O aprendizado e a memória são processamentos de informações e podem ser vistos como o arquivamento sistemático que ocorre no cérebro por codificação, armazenamento e recuperação de dados (PAPALIA *et al*, 2010). Para Kandel *et al* (2014), o aprendizado é entendido como uma aquisição de conhecimento, enquanto a memória é o processo de codificação desse conhecer, dessa forma, sem a capacidade de aprender e lembrar não teríamos a condição de entendimento e conhecimento de símbolos e não conheceríamos pessoas, lugares e objetos. Além disso, a linguagem deixaria de ter função e não mais seria utilizada, assim perderíamos nossas experiências de vida, valores, momentos e identidade (KANDEL *et al*, 2014).

Para Halbwachs (2006), nosso conhecimento seja por vivência ou por informação externa, pode ou não ser reforçado a partir dos testemunhos *do outro*, sendo que o melhor testemunho é o nosso próprio e as recordações daquilo que sabemos serão melhor aceitas conforme ouvirmos esse *outro* repeti-las, aumentando nossa confiança e autoafirmação, enquanto o não reforço leva ao enfraquecimento dessa recordação.

Henri Bergson (2010) explica a memória a partir da duração, dizendo que está, além da sua dimensão psicológica e da consciência, está também na matéria; que sai de uma dimensão psíquica para uma dimensão ontológica e essa transição do psiquismo para a ontologia se dá ao pensar o passado como algo que é; que não passa. Há um ser do passado, um ser constituído por experiência de vida; um ser histórico e esse ser é a memória, que é real; memória real é chamada de virtual e o virtual é real, é potência, é tempo, sendo assim, a memória não se localiza na matéria, conseqüentemente, no cérebro que é material, mas no virtual, no tempo (MACIEL JÚNIOR, 2017).

Kandel *et al* (2014) afirma que psicólogos do início do século XX, não concebiam a memória como tendo uma função e estando localizada em uma determinada área encefálica, porém sabe-se atualmente que não há apenas uma área no cérebro para a memória, mas áreas diversas já que também não existe apenas uma, mas vários tipos de memória, como a memória de curto e a de longo prazo.

O armazenamento de informações depende da memória de curto prazo, também conhecida como memória de trabalho ou ainda memória momentânea, que compara estas informações com as já existentes no córtex pré-frontal, seleciona-as por hierarquia de importância e as armazena conforme sua qualidade funcional (PURVES, 2010).

A memória de longo prazo é dividida em dois tipos: implícita ou de procedimento e a explícita ou declarativa. A primeira está localizada no cerebelo e nos núcleos da base do cérebro. Podemos associá-la aos nossos procedimentos mais automatizados, quando não necessitamos lembrar quadro a quadro daquilo que estamos fazendo. Inicialmente, aprendemos de forma consciente e depois se transforma no modo automático (EMYDGIO *et al*, 2019).

O circuito de Papez ou sistema límbico atua na fixação da memória, conectando o aprendizado com as emoções, assim, a partir de um estímulo ocorrerá a emissão de uma resposta emocional que poderá ser percebido pelos órgãos dos sentidos levando a informação até o tálamo, e daí há a conexão por duas vias distintas: uma para a resposta hormonal e outra para a experiência emocional. A primeira via segue para o hipotálamo para suceder em resposta endócrina. A segunda via segue para o córtex sensorial, seguindo para o córtex singulado, que está conectado com as informações do hipotálamo desde o hipocampo, gerando a experiência emocional (PURVES, 2010).

De acordo com Emydgio *et al* (2019), um ser humano ao ser exposto a um trauma tem reações em cadeia nos Sistemas Nervoso Central e Periférico, ativando o eixo hipotálamo-pituitária-adrenal, liberando o hormônio Cortisol também conhecido como hormônio do estresse, quando é liberada a adrenalina para uma resposta de luta ou fuga, e essa resposta emocional ocorre na amígdala cerebelar. Situações traumáticas podem ocasionar sentimento de distanciamento, crenças negativas em relação a si próprio e aos outros, incapacidade de gerar em si mesmo emoções positivas, além excitabilidade, surtos de raiva e comportamento imprudente, entre muitos outros, mas citando aqui a condição específica do personagem Jack Frost.

Um indivíduo adoecido irá questionar, de forma progressiva, quem é o culpado por esse adoecimento. As experiências vivenciadas na infância de dores traumáticas podem trazer as sensações de sofrimento como uma condição de punição, de onde o indivíduo vem a ter o sentimento de que só resta a si próprio como o culpado por tudo que sofreu ou sofre (ELIAS, 1998).

Kandel *et al* (2014) propõe que a memória pode apresentar ao que ele chama de imperfeições, como o esquecimento e a distorção de lembranças do passado; o esquecimento tem uma função adaptativa no ser humano, pois não codificamos, armazenamos ou evocamos os detalhes de tudo o que fazemos, mas apenas aquilo que nos interessa. Percebemos o que é selecionado como importante, o que é corroborado por Bergson (2010) quando diz que a matéria é explicada como sendo um conjunto de imagens que estão em constante interação e a percepção dessas imagens se dá pela condição do ser humano de eliminar o que não lhe importa e perceber aquilo que lhe importa.

A memória só retorna porque houve então um esquecimento, ou seja, só há uma evocação porque uma informação não se encontra no nível do consciente. Assim, mesmo sendo considerado uma imperfeição da memória o esquecimento pode ter a conotação de possibilidades, pois apesar do caráter de lacuna, a relação com a memória ocorre a partir dos rastros que são acessados para sua evocação. Por eles, sejam escritos ou psíquicos, podemos novamente trazer à tona recordações; encontrar o modo de voltar às lembranças (RICOEUR, 2007).

Os dentes colhidos pelas fadas e guardados cuidadosamente em belos recipientes dourados podem ser considerados os únicos rastros que restaram a Jack Frost. Apenas

quando ele sabe que poderá recuperar sua memória e, finalmente, encontrar-se com sua história, passa a colaborar com os outros guardiões contra o Bicho Papão, conhecido na história como O Breu. Esse também é um ser que, como Jack Frost, não era visto. Relegado ao esquecimento, se rebela no mal espalhando o medo. Ele sequestra todas as fadas e todas as caixinhas com os dentes colhidos por elas. Com isso as memórias de todas as crianças do mundo de todos os tempos, inclusive de Jack, ficam sob seu domínio.

Como propõe Ricoeur (2007), o esquecimento pode ser uma forma saudável da experiência viva da memória e, por isso, o vê como algo positivo. Ao se empenhar em buscar seus rastros e recobrar sua memória, Jack Frost passa a movimentar-se na mudança para encontrar sua identidade. Já para o Breu o esquecimento é a própria personificação do medo. Halbwachs (2006) afirma que “o que importa é como eles o interpretam, o sentido que lhes dão. Para que lhes emprestemos os mesmos significados, é preciso que as duas consciências estejam misturadas”. Definitivamente, não era o que acontecia entre Jack Frost e o Breu na questão dos significados.

5 | A MEMÓRIA COMO SÍMBOLO CONCEITUAL

O significado é imanente ao ser humano, com ou sem o uso das palavras. Voltamos à interpretação em todas as relações mundanas, portanto estamos sempre rodeados pela condição do significar, do simbólico. Houve, em algum momento, a sobreposição entre a linguagem verbal e não-verbal e o significado, levando a crer que a linguagem, principalmente verbal, é a condição de atribuir sentido à matéria significante, colocando-se aí o império do verbal e deixando-se de lado o silenciar como ação de sentido. O falar pode ocorrer por mais de uma forma, pois o não-verbal é também um ato de significância e a gestualidade está mediada pela fala. Exercer a linguagem faz da espécie humana ter uma qualidade de intercâmbio de sentidos (ORLANDI, 2007).

Uma das subdivisões da memória de longo prazo é a memória semântica, relativa à memória declarativa ou explícita e que se refere aos significados de palavras e ao estabelecimento de conceitos armazenados conforme nossa visão de mundo. Trata-se de uma visão introspectiva, mas consciente do mundo. Sua ausência implica em dificuldade em evocar, de forma correta, uma codificação de informação. A dificuldade nesse tipo de evocação corresponde a uma baixa condição de acessar a memória e buscar os significados (CARNEIRO, 2008). Há uma estreita relação entre entender o significado de palavras e aprender.

Luria (1981) propõe que o cérebro está em constante interação, no ambiente físico e social, construindo a aprendizagem humana de acordo com a filogênese, ontogênese e meio cultural e que costumes, crenças e tradições estão presentes na formação do indivíduo e na sua condição de agir no mundo. Tal como Luria, Skinner (1957) também explica a linguagem como um tipo de comportamento operante, em que se faz necessário uma

mediação entre falante e ouvinte, e estes devem fazer parte de uma mesma comunidade verbal. Entendendo por comportamento operante aquele em que o indivíduo é sujeito ativo, operando mudanças no ambiente e sendo por ele influenciado e modificado, na interação organismo-ambiente, cujos determinantes estão na história da espécie, na história do indivíduo e na cultura, ao que chamou de três níveis de seleção (SKINNER, 1957).

A linguagem é aprendizado básico, estando presente na vida do ser humano desde as primeiras trocas sonoras na relação mãe-filho, quando o operante verbal ecóico começa a se estabelecer e a repetição do som dá início a construção complexa das formas de expressão e comunicação, assim o comprometimento da linguagem leva o indivíduo acometido a uma desregulação na interação consigo mesmo, com o outro e com o mundo (BAUM, 2006).

As sociedades onde vivem os indivíduos traçam o padrão de compreensão de fenômenos, assim como de pensar e falar sobre eles. Conceitos sociais, atitudes, visão de mundo estão associados ao modo como a sociedade da qual faz parte o ser humano estabelece os significados; a simbologia varia de indivíduo para indivíduo e também de contextos de situações e do nível de alienação que os acomete, pois cada sociedade pensa o mundo a partir de seus critérios e vivências. Não há um significado sem as muitas colaborações do grupo ao nosso redor. Quando falo, tenho que ser compreendido, devo falar para alguém e esse alguém deve compreender o símbolo falado, escrito ou sinalizado para que haja uma comunicação (ELIAS, 1998).

Ao analisar os sonhos, Halbwachs (2004) trata da condição de tradução e entendimento de imagens que ali nos aparecem e, ao vê-las as reconhecemos como objetos, pessoas, acontecimentos. Esse reconhecimento ocorre porque nós os atribuímos um sentido, ou seja, a partir das noções comuns de saberes compartilhados em nossos grupos sociais podemos estabelecer, mesmo nos sonhos, uma compreensão de significados.

Para Damásio (2011), a interação entre organismo e objeto é registrado pelo cérebro a partir das consequências dessa interação, assim, o que conseguimos memorizar ao estar frente a um novo objeto não se resume ao mapeamento de sua imagem em nossa retina, mas padrões sensitivo-motores associados à visão do objeto, a tocá-lo e manipulá-lo, ao evocar memórias adquiridas previamente e ao desencadeamento de sentimentos e emoções associados ao mesmo.

O personagem Jack Frost passa trezentos anos na erraticidade. Ele era literalmente atravessado pelas pessoas sem ser notado, participava de festejos em comunidades sem estabelecer comunicação com ninguém. Essa situação lhe trazia a sensação de desprezo e solidão, conforme o significado internalizado culturalmente. Tem a noção de ocupar um espaço, mas não se sente pertencente a um lugar ou a uma família. Não se vê herdeiro de tradição, costume ou afetos nem possuidor de uma história. O que conhece de si mesmo não pode ser confirmado por outras pessoas. A não interação e a falta da condição de acessar a memória pregressa fazem do personagem um ser em constante busca de si

mesmo e na angústia de não saber se encontrará suas respostas, um ser desterritorializado.

Possuímos a memória dos símbolos de acordo o aprendizado dentro de nossa comunidade verbal. A linguagem falada tem hegemonia no nosso entendimento como condição de transmissão simbólica, porém o silêncio também está lotado de significados. No contexto social humano, uma pessoa em silêncio é uma pessoa sem sentido, criando a ideia da não condição de expressão como uma falta. No entanto, quando estamos em silêncio não estamos sem fala ou sem condição de interagir com o mundo, uma vez que isso ocorre também através de contemplação, pensamento e introspecção. Significar é um movimento, uma ação que ocorre através da linguagem, sendo esta falada ou expressada de muitas outras maneiras (ORLANDI, 2007).

Elias (1994) toma como metáfora para explicar a memória como um símbolo conceitual a relação entre uma cidade e o mapa que a representa cartograficamente, sendo o mapa a representação simbólica da cidade, pois podemos nos guiar por uma infinidade de símbolos que significam a cidade enquanto realidade; o mapa é a cidade representada. Ele também coloca a linguagem e suas diferentes representações pela língua falada nos diversos países como um exemplo simbólico de significados, pois a comunicação ocorre a partir do entendimento de significâncias de expressões verbais e não verbais nos mais diferentes idiomas através da tradução (ELIAS, 1994). A memória é então uma capacidade dos seres orgânicos de dar significados ao que é percebido por nossos órgãos dos sentidos, ou seja, de significar o mundo ao nosso redor.

6 | A MEMÓRIA E A TEMPORALIDADE

Um dia de trabalho era contado através da mudança natural dos turnos do dia a partir do movimento da translação e rotação da Terra. Outra medida de tempo era o sino da igreja, como um símbolo de início e final do tempo de trabalho. São situações vividas nos séculos XI e XII, marcando uma época em termos de estruturas econômicas, sociais e também mentais. Uma rotina que foi quebrada a partir do incremento do relógio. Nesse intervalo, entre o sino e o relógio, está marcada a mudança adaptativa da sociedade a uma nova exigência postulada pela evolução da economia e das novas necessidades nas condições de trabalho. Aqui, tão brevemente assinalado, está um grande salto em relação aos conflitos de poder, pois é justamente o momento em que há uma transição de um tempo religioso para um tempo laico, o que também marca a passagem da época medieval para a moderna (Le Goff, 1980).

O tempo marca os espaços históricos e facilita a compreensão do contexto em que ocorreram. Esses registros são concebidos por historiadores a partir de um polo linear, cuja fundamentação é a de que ocorrem os eventos em cadeia no decorrer do tempo, ou seja, um evento após o outro e sempre gerado pelo precedente. Outro polo, o circular e recorrente, é marcado por uma ideia de um retorno aos acontecimentos de tempos em tempos, de

forma repetitiva; lidar com o tempo a partir desses dois pólos, em algum momento, poderia simplificar a compreensão das experiências na temporalidade (KOSELLECK, 2014).

Existe uma representação coletiva do tempo influenciada pelo hábito e contingências dos grupos, suas tradições e costumes. O ser humano se adapta às divisões do tempo, pois há uma repetição de dias meses e anos nessa mesma estrutura. Essa divisão é a mesma para todos os membros do grupo social (sucessão de dias e noites, por exemplo). Por mais que queiramos nos diferenciar no uso do tempo, acabamos por cair no eixo comportamental da disciplina social quanto aos horários de abertura do comércio, horários de trabalho, espaços e condições de acesso à diversão etc. O ritmo do relógio não respeita nossa individualidade e nem nossas preferências. “Ao estarmos sempre medindo a vida, a sociedade nos torna cada vez mais inaptos para dispor da nossa” (Halbwachs, 2006).

Henri Bergson (2020) concebeu o tempo não como uma classificação histórica, cronológica, mas como o tempo vivido; o ser do passado, a coexistência entre passado e presente e a contemporaneidade são discutidos como paradoxos, como proposta de uma nova, contraditória e esclarecedora explicação para o conhecimento do pensar de Bergson.

A animação “A origem dos guardiões” nos coloca defronte a contingências temporais sob variadas nuances. Há um tempo cronológico em que se passam trezentos anos entre um evento, inicialmente sem muitos detalhes, e o atual contexto comportamental do personagem Jack Frost. Esta passagem de tempo está evidente nas diferenças observadas nos modelos de roupas usadas no passado e no presente, por homens, mulheres e crianças. Outra evidência é o visual das casas e arrumação das cidades, assim como os meios de transporte.

O contexto histórico e social do passado, fazendo-se uma conta rápida já que o filme é de 2012 e há uma janela cronológica anunciada de trezentos anos, se dá no início do século XVIII. Era a época do Iluminismo, quando inicia as discussões sobre a ideia de liberdade, igualdade e fraternidade na França e as ideias protestantes avançando pela Europa, concomitante com a expansão da ciência moderna. O Iluminismo, pelo próprio nome do período, ilustrava o tempo da luz abandonando a Idade Média ou idade das trevas. É um período de diferenciação da religião e da arte e das ciências, que começam a ocupar espaços autônomos na sociedade; a era da Revolução Francesa e Industrial, configurando o início de um novo tempo: a modernidade (KOSELLECK, 2014).

Halbwachs (2006) tem nítido o interesse em como o indivíduo representa a coletividade. Para ele a memória histórica é exterior ao ser humano e ocorre a partir da organização das lembranças da sociedade a que este ser está inserido. Na memória individual estaria a condição da personalidade, da construção ontológica do ser, enquanto na coletiva estariam comportamentos selecionados conforme um interesse e uma função no grupo. Propõe ainda que há uma interpenetração de ambas as memórias, quando a individual busca na coletiva apoio para sua autoafirmação e preenchimento das suas lacunas; a individual, ao se colocar na coletiva, com esta se confunde, não conseguindo

determinar às vezes onde termina uma e a outra inicia. Somos abertos ao tempo, pois é nele que estão as possibilidades, o aberto, a condição do mudar, criar.

Há também, para entendimento da satisfação pessoal em relação a vida, a proposta de religiosidade e espiritualidade. A religiosidade está relacionada às crenças, rituais e costumes, a partir da dimensão sociológica da pessoa na convivência comunitária. Enquanto a espiritualidade é a conexão transcendental com o sagrado para alcance de um direcionamento em termos de sentido do ser. Ambas estão associadas com a proteção e prevenção no desenvolvimento de transtornos mentais e a uma melhor qualidade de vida (PANZINI & BANDEIRA, 2010).

A palavra *Coping* significa, na língua inglesa, enfrentamento, assim, estratégia de *Coping* é uma expressão da literatura utilizada para designar o enfrentamento de pessoas a situações de estresse profundo, capaz de sobrecarregar a condição pessoal de lidar com o fato e o arcabouço de habilidades cognitivas e comportamentais que serão mobilizadas e utilizadas em tais situações. Pode ocorrer de duas formas, com o foco na emoção ou no problema. O foco no problema visa lidar diretamente na causa de origem, possibilitando a solução ou abrandamento do problema. Já o foco na emoção está relacionado ao uso de estratégias ligadas a carga de estresse emocional, normalmente em cadeia, com consequências imensuráveis (FLEURY *et al*, 2018).

Para Fleury *et al* (2018), o *Coping* está diretamente relacionado à sensação de satisfação da pessoa com a sua vida, e pode ser abordado em duas teorias: *bottom-up theories* ou teorias de baixo para cima e *top-down theories* ou teorias de cima para baixo. A primeira diz respeito a questões objetivas, como a percepção e todo o processo de conhecimento encadeado por ela. Enquanto a segunda está relacionada a condição de construções pessoais na formação de uma personalidade, como a extroversão, por exemplo.

Identifica-se no personagem central da animação, Jack Frost, a presença de ambos os focos para enfrentar suas situações de estresse. Focando no problema, no tempo presente, quando busca resolver a questão do resgate da sua memória ajudando os guardiões; focando no emocional quando faz seus enfrentamentos internos em relação ao efeito cascata que uma condição passada traumática causa nas impressões de si mesmo e do mundo.

Percebe-se que a lua para Jack Frost é uma construção inconsciente associada ao sagrado, o transcendente. Chama de Homem da Lua, mesmo não vendo homem algum quando olha para ela, ao protetor e orientador espiritual evocado por ele em momentos de dificuldades. A lua aqui é um marco da memória, uma condição de acessar o seu eu social, religioso e espiritual. As memórias são guardadas em formas visuais, partindo da memória semântica, a partir do estímulo percebido. Trata-se da memória adquirida socialmente, não limitada a memória de palavras, mas também em imagens, no que é visto.

Após a percepção se faz necessário a conversão em símbolos conceituais, pois a

imagem tem que ter significado para o grupo, e para ser significativa deve ser simplificada para uma melhor transmissão a cada novo membro da comunidade (FENTRESS & WICKHAM, 1992), como no caso do filme a lua tem uma conotação sagrada por estar no céu e aparecer contingentemente como um alívio em um momento traumático, sagrando-se como uma salvadora.

Uma nova interpretação da metafísica é sugerida por Bergson (2006), para uma consciência mais solta e fluida das coisas, um movimento que permita a evolução do ser a partir do componente transcendental que existe no seu ato. A consciência contribui com a memória de forma não limitadora da experiência. O conhecimento mais profundo pertence ao espírito, à intuição, enquanto o conhecimento mais exterior está relacionado à inteligência, no mundo aparente, não real e o reencontro do potencial metafísico do ser humano o liga com o espírito, o profundo do ser. Romper com a metafísica tradicional coloca o humano e o divino mais próximos, potencializando as ações humanas a partir da responsabilidade na sua atitude (ALVES, 2003).

O Homem da Lua sempre foi um ser divino, superior e transcendente para Jack Frost em quem confiava e de quem aceitava os desígnios, sem, no entanto, deixar de colocar francamente suas inquietações e questionamentos. O Homem da Lua é uma motivação para as atitudes do personagem, que tem sua identidade e personalidade marcada por essa presença espiritual, que o sentia participando de sua vida, nas boas e más situações. Era-lhe reconfortante contar com um ser que não via e nem ouvia, mas sentia, por associação com o divino que estava nele mesmo, de forma aberta, sem as intervenções convencionais do mundo.

7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O título “Um filme em dois tempos: a memória como um símbolo conceitual” teve uma conotação reflexiva e dual na análise do filme “A origem dos guardiões”, quando a história é proposta em escala temporal, representada pelo passado e pelo presente; um tempo cronológico e um tempo histórico. Mas também existe o tempo subjetivo representado por contingências da reação inconsciente, impulsiva e da autonomia promovida pela consciência, pelo sentir consciente. Um tempo de desconhecimento e, conseqüentemente, desmotivação e um de reencontro e de novos posicionamentos frente abertura do ser pelo movimento de conhecer, de propor o novo.

Os conceitos e símbolos estão em constante movimento em cada ser humano, criando e reforçando nestes os conceitos de mundo que provoca e instiga ao autoconceito. Ter memória proporciona esse fluxo evolucionista e criativo, pois cada um é um potencial de memória, de visão de eventos sociais. Cada um seleciona aquilo que interessa guardar e evoca a seu tempo, quando necessário. A construção dos significados individuais constrói a história no coletivo. A memória coletiva instiga e alimenta a manutenção ou extinção de

comportamentos e formação do ser. É uma relação de reciprocidade entre o ser social e o ser individual.

A conclusão é de que existe memória em tudo que tem significado, e no que ainda não tem. Está na espiritualidade, na história, no contexto social e individual, está nas fases e estará em qualquer caminho que pretendemos percorrer. Nós próprios somos memória, nós somos agentes nesse processo de preencher o tempo com a memória, como diria Bergson, mas com todos aqueles que vieram antes de nós e nos formam como seres de uma memória coletiva, com tantas colaborações de outros seres também em desenvolvimento. A conclusão, enfim, é de que nada está concluído, tudo está em processo, tudo está em aberto. “pode-se, portanto, determinar a cotidianidade da pre-sença como ser-no-mundo aberto na decadência que, lançado, se projeta e que, em seu ser junto ao “mundo” e em seu ser-com os outros, está em jogo o seu poder-ser mais próprio” (HEIDEGGER, 2005 p. 244). Sempre buscaremos a nós mesmos no outro.

REFERÊNCIAS

ALVES, Robson M. **A intuição e a mística do agir religioso a partir de Henri Bergson**. Edições Loyola. São Paulo – SP, 2003.

BAUM, William. **Comprender o Behaviorismo: Comportamento, cultura e evolução**. Tradução Maria Teresa Araújo Silva et al. Editora Artmed, 2ª. Edição. Porto Alegre-RS, 2006.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: tradução Paulo Neves. 4 ed. São Paulo – SP, 2010.

_____. **Ensaio sobre os dados imediatos da consciência**. São Paulo: tradução Maria Adriana Camargo Cappello. Ed. Edipro. São Paulo – SP, 2020.

_____. **Introdução à metafísica**. In: O pensamento e o movente. Ensaios e conferências. Tradução de Bento Prado Neto. Martins Fontes, São Paulo – SP, 2006.

CARNEIRO, Maria P. **Desenvolvimento da memória na criança: o que muda com a idade?** Revista Psicologia: Reflexão e Crítica. Vol. 21, número 1. Porto Alegre -RS, 2008.

DAMÁSIO, Antônio R. **E o cérebro criou o homem**. Tradução: Laura Teixeira Motta. Ed. Companhia das Letras. São Paulo – SP, 2011.

ELIAS, Norbert 1897-1990. **Envolvimento e alienação**. Tradução de Álvaro de Sá. Ed. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro – RJ, 1998.

_____. 1897-1990. **Teoria simbólica**. Tradução de Paulo Valverde. Celta Editora, primeira edição portuguesa. Oeiras, Portugal, 1994.

EMYGDIO, Nathalia e; FUSO, Simone F; MOZZAMBANI, Adriana C. F; ACEDO, Natália A; RODRIGUES, Camila C; MELLO, Marcelo F. **Efeitos do Transtorno de Estresse Pós-Traumático na Memória**. Revista Psicologia Ciência e Profissão, vol 39. Brasília – DF, 2019.

FENTRESS, James; WICKHAM, Crhis. **Memória Social: novas perspectivas sobre o passado**. Tradução de Telma Costa. Editora Teorema. Lisboa, Portugal, 1992.

FLEURY, Luís F. O; GOMES, Antônio M. T; ROCHA, Júlio C. C. R; FORMIGA, Nilton S; SOUZA, Marilei M. T.; MARQUES, Sérgio C; BERNARDES, Margarida M. R. **Religiosidade, estratégias de coping e satisfação com a vida: Verificação de um modelo de influência em estudantes universitários**. Revista Portuguesa de Enfermagem e Saúde Mental, número 20. Porto – Portugal, 2018.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. Editora Vozes, 12ª. edição. Petrópolis – RJ, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. Ed. Centauro. São Paulo – SP, 2006.

_____. **Los marcos sociales de la memoria**. Tradución de Manuel A. Baeja y Michel Mujica. Universidad Central de Venezuela, Caracas, 2004.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Parte I. Ed. Vozes. Petrópolis – RJ, 2005.

KANDEL, Eric R; SCHWARTZ, James H; JESSEL, Thomas M; SIEGELBAUM, Steven A; HUDSPETH, A. J. **Princípios de Neurociências**. Tradução de Ana Lúcia Severo Rodrigues et al. 5ª. Edição. Ed. Artmed. Porto Alegre – RS, 2014.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre memória**. Tradução Markus Hediger. 1. Ed. Editora Contraponto/PUC – Rio, Rio de Janeiro – RJ, 2014.

LE GOFF, Jacques. **Tempo e trabalho**. In: Para um novo conceito de Idade Média. Editora Estampa. Lisboa, Portugal, 1980.

LE GOFF, Jacques. **Tempo e trabalho**. In: Para um novo conceito de Idade Média. Editora Estampa. Lisboa, Portugal, 1980.

LURIA, Alexander Romanovich. **Fundamentos em Neuropsicologia**. Tradução de Juarez Aranha Ricardo, Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, 1981.

MACIEL JÚNIOR, A. **O Todo-Aberto: duração e subjetividade em Henri Bergson**. Ed. Arquimedes. Rio de Janeiro – RJ, 2017.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Editora da UNICAMP. 6ª. Edição. Campinas – SP, 2007.

PANZINI, Raquel G; BANDEIRA, Denise R. **O Coping Religioso Espiritual e a prática clínica**. In: A Arte do Cuidar: Saúde, Espiritualidade e Educação, organizado por Franklin Santana Santos. Editora Comenius. Bragança Paulista – SP, 2010.

PAPALIA, Diane E; OLDS, Sally W; FELDMAN, Ruth D. **Desenvolvimento humano**. Tradução Carla Filomena Marques Pinto Vercesi *et al.* 10ª. Edição. Ed. Artmed. Porto Alegre – RS, 2010.

PURVES, Dale; AUGUSTINE, George J; FITZPATRICK, David; HALL, William C; LAMANTIA, Anthony-Samuel; MCNAMARA, James O; WILLIAMS, S. Mark. **Neurociência**. Editora Editorial médica Panamericana. 3ª. Edição. Buenos Aires – CAB, Argentina, 2010.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François *et al.* Editora da UNICAMP. Campinas – SP, 2007.

SKINNER, Burrus Frederic. **Verbal Behavior**. B. F. Skinner Foundation, Cambridge, MA, 1957.

ÍNDICE REMISSIVO

A

América Latina 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103

A origem dos guardiões 116, 117, 124, 126

Arte gráfica 130, 133, 142

Arte latino-americana 97, 98, 100, 101, 102

Autor 6, 12, 17, 19, 20, 21, 22, 24, 26, 27, 43, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 80, 132, 136, 137, 138

B

BNCC 29, 32, 33, 36, 77, 78, 79, 82, 83, 84, 85, 86

C

Competências sociais 104, 107, 109

Criança 1, 2, 3, 13, 14, 47, 59, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 127, 164

Currículo 77, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 87, 108

D

Discurso 2, 17, 33, 43, 47, 51, 66, 81, 82, 104, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 133, 144, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156

E

Encobrimentos 88, 89, 90, 93, 95

Ensino 21, 22, 23, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 40, 41, 43, 44, 45, 54, 55, 56, 70, 74, 75, 76, 77, 79, 81, 85, 104, 105, 139, 145, 146, 169

Ensino de gramática 29

Ensino de língua materna 29, 30, 33, 37, 41, 44

Enunciado 55, 56, 57, 59, 65, 66, 68, 71, 74, 147, 148, 151, 152, 153, 154, 155, 156

Epilinguística 54, 55, 67, 75

Escritor 17, 22, 102, 113, 117, 159

Estrutura 25, 27, 36, 42, 60, 64, 77, 80, 82, 101, 114, 124, 133, 136, 143, 147, 150, 151, 152, 153, 155, 156, 157, 160

Estudos críticos do discurso 104

F

Floresta 111, 130, 133, 137, 140, 141, 142, 144

Fractalização 130, 139

Funcionamento 26, 34, 35, 36, 40, 41, 43, 55, 79, 136, 141, 147, 148, 149, 150, 151, 152,

153, 155, 156, 157

H

Historiografia linguística 17, 28

I

Identidade 13, 46, 48, 52, 53, 56, 86, 87, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 109, 119, 121, 126, 132, 133, 143, 144

Ideologia 17, 80, 86, 113, 115, 136, 146, 148, 149, 150, 154, 155

Ikwasiat 130, 131, 133, 134, 138

Imagem-símbolo 130

L

Leitura 25, 29, 31, 32, 33, 34, 40, 41, 45, 50, 74, 148, 149, 167

Linguagem 20, 28, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 42, 43, 44, 46, 54, 55, 56, 60, 61, 62, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 77, 80, 81, 104, 106, 107, 108, 109, 114, 115, 116, 119, 121, 122, 123, 140, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 159, 161

M

Memória 21, 28, 35, 46, 49, 50, 98, 108, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 158, 161

Mimetismos 88, 90, 93, 95, 96

Morte 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 22, 108, 132, 140, 143

N

Narração 1, 8, 10, 22

Narrativa mítica 130, 131, 132

P

Política 48, 77, 79, 81, 82, 87, 97, 99, 100, 103, 105, 137, 147, 150, 153, 154, 155, 157

Práticas pedagógicas 30, 77, 78, 79, 82, 83, 84, 85

S

Semântica 54, 60, 71, 75, 76, 121, 125, 131, 148, 159

Significado 6, 9, 10, 11, 16, 20, 36, 57, 58, 60, 67, 73, 116, 117, 121, 122, 126, 127, 151, 159, 160

Símbolo 8, 13, 26, 116, 117, 121, 122, 123, 126, 130, 131, 132, 133, 136, 140, 143

T

Tempo 4, 5, 8, 9, 14, 18, 19, 20, 22, 23, 30, 41, 57, 71, 80, 89, 97, 99, 100, 112, 116, 117, 119, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 138, 140, 141, 142, 151, 157, 162, 163,

164, 165

Tradução 1, 2, 5, 16, 17, 18, 22, 23, 25, 26, 27, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 122, 123, 127, 128, 129, 136, 137, 138, 140, 144, 159, 160, 161, 162

V

Vagueza 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 163

Vanguardas 97, 100, 103

Veado 130, 133, 138, 139, 140, 141, 142

Vulnerabilidade social 104, 106

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões 3

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2022

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões 3

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2022